

A CONSTRUÇÃO REFERENCIAL DA NÃO-PESSOA NOS ENUNCIADOS NO FACEBOOK: ANÁLISE DAS *HASHTAG* #MEUAMIGOSECRETO

THE REFERENCIAL CONSTRUCTION OF THE NON-PERSON ON FACEBOOK STATEMENTS: ANALYSIS OF #MEUAMIGOSECRETO HASHTAG

Ana Luiza Cordeiro¹

Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR
Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens – PPGLE

Resumo: Os interlocutores estabelecem trocas interacionais mobilizando a língua para se constituírem como sujeitos linguística e empiricamente. Para tanto, a referência de pessoa, espaço e tempo é imprescindível para localizar o locutor em sua centralidade enunciativa e, conseqüentemente, construir as referências para os alocutários. Nesse sentido, parte-se da discussão da linguística enunciativista para analisar uma postagem coletada na fanpage #*Meu Amigo Secreto* no Facebook, bem como suas replicações por usuárias da rede social, com o objetivo de debater a categoria de não-pessoa, identificando se há variantes de referência da terceira pessoa num mesmo enunciado diante da mudança do sujeito locutor. A partir da ancoragem teórica da Teoria da Enunciação, de Émile Benveniste (2005; 2006), com especial enfoque no estudo *Da Subjetividade na Linguagem*, publicado em Problemas de Linguística Geral I (2005), acredita-se haver o atravessamento do locutor enquanto “Eu” que determina ou indica a classificação da não pessoa enquanto específica ou genérica.

Palavras-Chave: Facebook. Subjetividade. Enunciação. Referência. Hashtag.

Abstract: The interlocutors establish interactional exchanges mobilizing the language to constitute themselves as subjects linguistically and empirically. Therefore, the references of person, space and time are necessary to localize the speaker on their enunciative centrality and, consequently, to build references to the speaker. In this sense, it starts with the discussion of enunciativist linguistics to analyze a post collected from the fanpage #*Meu Amigo Secreto* on Facebook, as well as its replications by female users of the social network, with the objective of debating the non-person category, identifying possible variants of referencing of third person in the same statement before the change of the announcer subject. With theoretical anchor of the Enunciation Theory, by Émile Benveniste (2005; 2006), with a special focus on the study of Subjectivity in Language, published in Problems of General Linguistics I (2005), it is believed that the speaker is crossed as “I” which determines or indicates the classification of the non-person as specific or generic.

Keywords: Facebook. Subjectivity. Enunciation. Referencing. Hashtag.

Introdução

Através da mobilização da língua é que o sujeito insere em sua enunciação as marcas de subjetividade. A língua, que opera como um sistema geral entre os falantes,

é munida de marcas, alterações, significações, implicaturas e subjetividades quando colocada em uso pelo indivíduo. Assim, enunciados iguais podem ganhar subentendidos diversos a depender dos fatores extralinguísticos – contexto, quem enuncia, como se dá a enunciação.

Para Benveniste (2006, p. 84), “o ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala”, estabelecendo uma relação individual entre ela e o falante e, assim, transformando-a em discurso. O locutor, ao se apropriar do que Benveniste (Ibidem) chama de o aparelho formal da enunciação, insere as marcas de subjetividade do “Eu” na língua e, conseqüentemente, projeta o outro, um sujeito estabelecido na interação.

As condições em que ocorrem a enunciação definem as marcas de tempo, lugar e pessoa, imprescindíveis para delinear os sentidos do enunciado, proporcionando circunstâncias bastante singulares de discurso, modificando o referente, o sentido e caracterizando a unicidade de uma enunciação. Apontando uma rede de correlação opositiva, Benveniste (2006) posiciona de frente ao “Eu-Tu”, sujeitos efetivos, o “Ele”, demarcado como uma não-pessoa. Ou seja, “Eu” e “Tu” são sujeitos do diálogo ou enunciação, capazes de se apropriarem da flexibilidade de subjetivação da língua, no entanto, o “Ele” remete a um sujeito ausente, distante da interação, incapaz de tomar a palavra e assumir a unicidade da relação enunciativa (Idem, 2005). O “Eu” e “Tu” se estabelecem, então, em uma constância de atualizações, enquanto o “Ele”, a não pessoa, pode ser retomado objetivamente, ainda que seu referente seja um sujeito individual, coletivo ou genérico.

Considera-se então que a pessoa não participante da interação pode constituir um sujeito individual, como alguém em específico ou coletivo; um grupo ou comunidade com características/hábitos comuns entre os indivíduos; ou, ainda, um sujeito genérico/probabilístico, que não se refere a alguém ou alguma coisa singularmente, podendo representar um senso comum comportamental ou a projeção de uma ação.

A partir disso, o presente artigo objetiva debater a categoria de não-pessoa, do “Ele”, enquanto entidade particular ou genérica através da ocultação ou da não nomeação do sujeito no enunciado. O caminho metodológico parte da revisão da

Teoria da Enunciação, com especial enfoque ao estudo *Da Subjetividade na Linguagem*, publicado em Problemas de Linguística Geral I (2005), de Benveniste. Em seguida, busca-se apresentar os mecanismos de subjetivação em um enunciado coletado na *fanpage* #Meu Amigo Secreto e suas replicações. Para isso, manualmente, fez-se a identificação da postagem com maior quantidade de compartilhamentos até o momento desta pesquisa¹, registrando-a com um *printscreen*. Em seguida, buscou-se os compartilhamentos dela pelo próprio mecanismo do Facebook, que permite acessar à postagem compartilhada, desde que ela esteja pública. Para a seleção, usaram-se dois critérios: haver algum texto acrescido ao post compartilhado e que este esteja de acordo com o intuito da campanha #MeuAmigoSecreto². Os registros para posterior análise foram feitos também por meio de *printscreen*.

Assim, a análise consiste na explanação quanto aos indícios de referenciação do “Ele” presentes nos enunciados, articulando aos conceitos esboçados nas marcações de personalidade. Acredita-se, então, que há marcações que permitem identificar o atravessamento do locutor enquanto “Eu” que determinam ou indicam a classificação da não pessoa enquanto específica ou genérica.

Com base no exposto, sob a ótica de Benveniste (2005; 2006), o tópico a seguir traça uma breve discussão sobre as noções de significação na enunciação que se dão pela marcação dos sujeitos na linguagem.

1 Os Sujeitos Demarcados na Linguagem

Para Benveniste (2005) o mundo linguístico se constitui em referência ao *ego*. As noções de pessoa, espaço e tempo são, sumariamente, estabelecidas a partir do locutor, reorganizando o universo em referência a ele. Para que essa acomodação *sui referencial* seja possível, há marcas linguísticas que exercem indicação de subjetividade (Ibidem), exercidas através das categorias de pessoa, espaço e tempo.

¹ A postagem foi postada na data 24 de dezembro de 2015, totalizando na data desta pesquisa um total de 186 compartilhamentos. Disponível em: <https://www.facebook.com/meuamigosecretoelena/photos/a.1643900415848123/1643902762514555>. Acessado em: 15/11/2018

² Destaca-se que o critério de alinhamento à campanha #MeuAmigoSecreto é importante pois é possível haver compartilhamentos em tons de críticas ou discordâncias, o que foge aos interesses deste artigo.

Ressalta-se que o autor formula sua teoria da enunciação exaltando a questão do sujeito, não empiricamente, mas sim como um ser linguístico, construção e construtor dos sentidos. Logo, é através da apropriação da língua que o homem se instaura, se apresenta ao mundo e ao outro, situa a si e opõe-se ao “Tu” (BENVENISTE, 2005). Assim, não é sobre o sujeito propriamente que o autor se dedica, mas sobre as noções de significação que se dão a partir da consideração desse sujeito na enunciação (FLORES, 2005).

Para o autor, portanto, ainda que os pronomes pessoais abarquem *eu, tu e ele*, apenas os dois primeiros se comportam como referência de pessoa, cabendo a eles a constante atualização no discurso, em que sua mobilidade permite e garante que não haja confusão quanto ao sujeito referido e de referência no enunciado. Ou seja, o locutor que pronuncia “Eu” está inculcando a sua pessoa no signo, enquanto o alocutário o recebe num reflexo – transferindo a demarcação de sujeito – ao mesmo tempo que se utiliza do “Eu” para proferir o mesmo ou outro enunciado, “o eu não denomina, pois, nenhuma entidade lexical” (BENVENISTE, 2005, p. 288).

Operando na mesma sistemática do “Eu”, o “Tu” compõe um indicador de subjetividade, em que ele se vale da constante atualização do discurso para ligar-se ao referente. O “Eu”, portanto, é delineado em contraste ao “Tu”, logo que o discurso é sempre dirigido a alguém, ao outro, ao “Tu”. Desse modo, num diálogo entre duas pessoas, as categorias “Eu” e “Tu” são condicionalmente ligadas a ambos os interlocutores, configurando o que Benveniste denomina como “signos vazios”, disponíveis para serem ressignificados, findando o referente apenas no ato da enunciação.

Já o pronome “Ele”, para Benveniste (2005), aporta uma categoria distinta, estabelecendo-se como uma não-pessoa, inapto para adentrar a interação, pois se refere àquele que está distante, não presente, que se apresenta somente pela constituição do discurso do “Eu”. “Ele” ainda pode se conceber como uma entidade volátil, imaterial, comunitária, genérica, não se ligando necessariamente a um sujeito. Benveniste concebe o “Ele” como uma não pessoa exatamente por acrescer-lhe a oposição ao “Eu”, pois é tão somente no discurso do locutor que se constitui e referencia “Ele”, “podendo ser uma infinidade de sujeitos ou nenhum” (Ibidem, p. 250).

É devido à propriedade de subjetividade da linguagem, mais especificamente aos pronomes pessoais, de se alocarem aos locutores sem causar estranhamento ou confusão, que “cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como ‘Eu’ do discurso. Por isso, ‘Eu’ propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a ‘mim’, torna-se o meu eco – ao qual digo tu e me diz tu” (BENVENISTE, 2005, p. 286). Porém, o autor apresenta ainda a distinção entre personalidade e subjetividade, em que, mesmo gramaticalmente atribuídos à mesma categoria de pronomes pessoais, há caracterizações diferentes para as noções da tríade Eu-Tu-Ele, em que há duas categorias fundamentais.

A primeira distancia “Eu/Tu” de “Ele”. Enquanto esta última pessoa é um ser ausente, uma não-pessoa privada da tomada da palavra e silenciada, mesmo que seja trazida ao diálogo, aquelas constituem uma categoria que se instaura pela constituição de subjetividade, pois ao enunciar, “Eu” se assume como “Eu” e materializa o “Tu”. Já a segunda categoria afasta “Eu” e “Tu”, logo que, verdadeiramente, apenas o sujeito “Eu” é detentor da subjetividade, enquanto “Tu” é constituído apenas como pessoa, pois “o eu não se refere nem a um indivíduo nem a um conceito, ele refere-se a algo exclusivamente linguístico” (FIORIN, 2010, p. 41).

Se, ao enunciar, constitui-se uma relação com o mundo, é através da mediação do sujeito que se configura e articula esse elo (FLORES, 2005). Ao elaborar um enunciado, o locutor visa um determinado alocutário, constituindo uma organização linguística e escolhas lexicais e semânticas de acordo com sua intencionalidade e conhecimento do interlocutor. Ainda que enunciados iguais sejam proferidos, a tríade sujeito, espaço e tempo, de Benveniste, é determinante na completa formulação significativa e valorativa da interação. Esses indicadores de subjetividade são evocados e atualizados a cada enunciação, promovendo um acontecimento único, singular e, portanto, designam algo novo (BENVENISTE, 2006).

Faz-se necessário também apontar a questão da pluralização dos pronomes pessoais, em que, para Benveniste (2005), “nós” e “vós” não remetem necessariamente aos sujeitos “Eu” e “Tu”. Ainda que gramaticalmente a flexão numérica da primeira e segunda pessoas do singular obedeça e compreenda a pluralidade, Flores (*et al.* 2008, p. 79) apontam que

o uso de nós se amplifica em uma pessoa mais solene, com maior autoridade no nós majestático, quanto se amplifica em uma pessoa mais difusa, com contornos indefinidos no nós de orador ou de autor. A mesma análise é feita para vós, tanto no uso coletivo quanto no uso de polidez a passagem do tu ao vós exprime pessoa generalizada.

Assim, as marcas de pessoa constituem um elemento fundante para a organização referencial do enunciado e compõem uma categoria complexa perante sua habilidade de subjetividade. Retomando a noção de que o sujeito só se instaura perante o contraste, à oposição do outro, é sobretudo nas marcas enunciativas que emergem as marcas de sujeito. Sabendo que o “Eu” é, verdadeiramente, a única pessoa carregada de subjetividade, o “Ele” é fruto da construção da primeira pessoa, o traço que determina a referenciação do “Ele” para o interlocutor, ou o “Tu”, não depende essencialmente das marcas subjetivas contidas nos enunciados, mas também da construção – contida ou não no discurso – do “Eu”.

Com base no que foi exposto acima, segue-se então com a discussão dos enunciados, sob a ótica de Benveniste (2005; 2006), mas de forma centrada no ambiente das redes sociais digitais.

2 Redes Sociais Digitais e a Atualização do Enunciado

A tecnologia emerge em diferentes graus, formas e regularidades na sociedade, causando impactos imediatos e reorganizando hábitos coletivos ou individuais. Se, para Benveniste (2005), o sujeito é fundante na relação entre o enunciado e o mundo, é imprescindível lançar olhares para as demandas que as configurações sociais suscitam diante da efemeridade, inconstância e volatilidade que a tecnologia, sobretudo a internet, promove às formas de conceber a linguagem.

Redes sociais não devem ser concebidas como recentes, fruto da ascensão digital, mas sim como ambientes compartilhados por produtores de enunciados, que desdobram interações e constituem formas de comunicar. Ainda que cada esfera dos grupos sociais apresente necessidades e características específicas, é no ambiente das redes sociais digitais que se verifica uma vociferação das individualidades no modo de

conceber a linguagem. Como Benveniste (2005) aponta, o indivíduo se faz através da apropriação singular da língua, constituindo uma unicidade identitária perante um sistema linguístico que é compartilhado pelos falantes.

Ainda que os espaços da internet, sobretudo as redes sociais como o Facebook, delimitem e empreguem regras técnicas e sociais de comunicação, como as limitações da plataforma ou o conhecimento pragmático do sujeito perante ações na rede (o que se torna ou não aceitável, ainda que possível), há uma reflexão quanto à democratização da fala nesse ambiente. Enquanto o indivíduo desprovido de ferramentas tecnológicas, em sua rede social ou familiar, fica limitado geograficamente e temporalmente ao seu círculo, o locutor no ambiente digital dispõe de um registro factual e do rompimento da barreira geográfica (LEMOS, 2010), pois sua postagem pode ser recuperada e, a depender das configurações, pode ser acessada por qualquer pessoa, em qualquer localidade, respectivamente.

Nesse sentido há também uma transversalidade, um atravessamento de sujeitos impactando na constituição do enunciado. Ao estender o alcance de uma publicação, permitindo ou possibilitando a interação de diferentes sujeitos, muitas vezes desconhecidos, pode-se alterar a composição linguística ou de significação na intencionalidade enunciativa, devido à quebra da intimidade, da privacidade, do conhecido (RECUERO, 2014).

Cabe ressaltar que a noção de espaço não se limita à concepção de materialidade, podendo assumir um paralelo com o contexto, ou seja, ainda que fisicamente o ambiente seja o mesmo, como a mesma sala, mesma rua, mesma página da web, a situação e o contexto alteram as noções espaciais, as referências, as acomodações, conseqüentemente impactam na organização enunciativa. Conforme Lemos (2010), a essas reconfigurações das dinâmicas sociais, proporcionadas pelas novas relações entre sociedade, tecnologia e cultura, dá-se o nome de conectividade generalizada, em que ocorre um processo mútuo de descentralização de fontes emissoras e hiperconexões entre diversos polos, informações, pessoas, máquinas, sentidos.

Dada a flexibilidade e dissidência dos espaços digitais, os apontamentos quanto à subjetividade de Benveniste (2005) ecoam de forma ainda mais pungente.

Não se restringindo à expoente produção de enunciados nas redes sociais digitais, é necessário conceber esse ambiente como detentor de uma nova configuração *sui referencial*, que assume utilizações que confrontam as, até então, formalidades da língua.

Se a personalização da língua ocorre quando essa é colocada em uso, atribuindo as marcações de pessoalidade ao enunciado, em que a linguagem opera diante do “ato individual de apropriação da língua” (BENVENISTE, 2006, p. 84), há de destacar-se os movimentos coletivos de apropriação, em que grupos sociais e identitários subvertem as regras gramaticais, existências lexicais e funcionamento normativo da língua para instaurar operações singulares e valorativas da linguagem.

Portanto, ainda que o ato de enunciar seja pertencente ao sujeito individual, ele pode ocorrer atravessado ou modulado por uma reversibilidade coletiva. Há, então, uma construção identitária do sujeito digital, não precisando necessariamente corresponder ao sujeito empírico, já que há uma fragmentação e disseminação das atuações identitárias. A apropriação coletiva da língua na rede social digital sucumbe as normas ortográficas e subverte muitas vezes a aceitabilidade social da fala, já que o rompimento da gramática é, muitas vezes, ocasionado propositalmente, empregando uma intencionalidade ou um pertencimento ao meio digital, mas que causa estranhamento fora da internet.

Ao considerar a produção de enunciados na internet, sobretudo nas redes sociais, é preciso um olhar ampliado aos entornos enunciativos, incluindo a questão textual e também os elementos que interferem na produção enunciativa, como fotos, vídeos, *emojis*, *hashtags*, limitações da plataforma, hábitos/características comuns do espaço digital. No momento da enunciação, então, esses e outros elementos participam da construção de um enunciado que corrobora, enfatiza, atualiza, repete um sentido primário do enunciado, mas também quem enuncia “o revoga, recusa-o, renova-o e transforma-o. Há um domínio do impessoal que rege a enunciação individual” (FIORIN, 2010, p. 62).

Portanto, ainda que a análise dos enunciados/publicações na web prescindam a textualidade e um aporte das teorias do enunciado, não se pode isolar as interferências que as mudanças comunicacionais e tecnológicas causam na conceituação enunciativa

em ambientes digitais (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001). A partir da evocação conceitual e teórica de Benveniste, sobretudo no que tange à subjetividade no aspecto pessoa, traça-se um paralelo com o comportamento linguístico na produção/compartilhamento de enunciados, bem como a aplicabilidade referencial do sujeito “Eu” e “Ele” a partir do mesmo enunciado.

A seguir, parte-se para uma breve caracterização dos processos de enunciação presentes no ambiente web, mais especificamente no Facebook, em que se observa a prática de produção e replicação de enunciados. Assim, apresenta-se a campanha *#MeuAmigoSecreto*, prosseguindo para a análise com base no debate sobre subjetividade tecido até o momento.

3 Enunciação: Produção e Compartilhamento no Facebook

Assim como entidades corporativas, coletivas ou institucionais podem, fora da esfera da internet, produzir discursos e enunciar publicamente, há a possibilidade que discursos não identificados ou associados a enunciadorees específicos sejam manifestados nas redes sociais digitais. Aqui, compreende-se que a internet facilitou o obscurecimento da identidade do sujeito, possibilitando que entidades coletivas ou mesmo anônimas se pronunciem com mais facilidade e alcance, características essas decorrentes da descentralização da produção de conteúdos no ambiente digital e reconfiguração das limitações de tempo e espaço (LEMOS, 2010).

Como exemplo, tem-se uma grande quantidade de *fanpages* no Facebook, que compartilham e produzem conteúdos, criando inclusive uma identidade da página, porém não há uma designação explícita de quem responde ou assina o material – seja uma pessoa ou instituição. Dessa forma, o enunciado produzido é originário de alguém, ainda que frequentemente seja negada a devida autoridade ao enunciadore, seja ela uma *fanpage*, perfil ou instituição.

A campanha *#MeuAmigoSecreto* começou a circular em 24 de novembro de 2015, abrangendo diversas redes sociais, entre elas o Facebook. Com o intuito de incentivar a denúncia de casos de assédio, violência e machismo que as usuárias vivenciaram, a *hashtag* se disseminou e promoveu uma forte interlocução das

mulheres. No mesmo período, a *fanpage* #Meu Amigo Secreto foi criada a fim de coletar publicações das usuárias, compartilhando-as e fortalecendo a campanha. Entre as postagens realizadas pela página, houve a publicação de enunciados não nomeados ou de autoria não especificada, caracterizando uma produção autoral da própria *fanpage*, conforme se observa na Figura 1:

Figura 1: Printscreens da Publicação



Fonte: Fanpage Meuamigosecreto

No enunciado “[#MeuAmigoSecreto] DIZ QUE É A FAVOR DA IGUALDADE DE GÊNERO MAS NÃO TOLERA CHEFE MULHER” há a possibilidade de ser um relato ou uma generalização situacional, em que há um: (1) Eu-Enunciador – produtor do enunciado, (2) Tu – alocutário e (3) Ele – quem se denuncia.

Sendo o “Eu” produtor do enunciado uma entidade abstrata, não se pode conferir uma identidade singular, única. Assume-se, portanto, um “Eu” genérico ainda que não abstraído de subjetividade, logo que há uma identidade institucional na *fanpage* (feminista, falante de português, usuária do Facebook). Quanto ao “Tu”, a linguagem se estabelece de modo direto, relacionando-se com o público da página de modo íntimo, sem explicitar maiores detalhes quanto à campanha.

Assim, supõe-se, pelo enunciado, que o público já conhece e domina as intenções do enunciador. Já a pessoa “Ele” é marcada pela referenciação textual do #MeuAmigoSecreto, no entanto, empiricamente não há um sujeito singular que represente ou reporte esse sujeito enquanto não se pode determinar o sujeito “Eu”.

Novamente há a possibilidade de generalizar ou singularizar o sujeito, logo que “Ele” representa um comportamento socialmente comum, mas assume uma situação empírica bastante possível de ter, de fato, ocorrido.

Uma das possibilidades e usos habituais do Facebook é o compartilhamento de postagens, tanto em perfis públicos, privados ou *fanpages*, dadas as devidas limitações de privacidade. A publicação analisada (Figura 1) se apresenta, até o momento da análise, configurada para a modalidade pública, em que não há restrição de visualização para perfis ou grupos de usuários.

Ao compartilhar uma publicação, assume-se que haja uma atualização do enunciado, em que o locutor toma para si o papel de enunciador. No entanto, há intencionalidades diversas na ação de compartilhar um enunciado, seja ela o da apropriação, colocando-se como sujeito enunciador e subjetivando o “Eu”, seja ela o do parafraseamento, em que se assume um discurso indireto para reforçar ou confrontar o sentido estabelecido. Intuem-se essas apropriações discursivas, que podem gerar incompatibilidade entre locutor e sujeito “Eu”, como um “[...] estranhamento com a finalidade de chamar a atenção do enunciatário para sua mensagem” (FIORIN, 2010, p. 40).

Figura 2: *Printscreen* do Compartilhamento



Fonte: Perfil do Facebook

Ao compartilhar um *post*, imagem ou link, há uma interlocução de vozes, somando ao enunciado original outros sentidos, informações e personalidades. Atuando como um parafraseamento, o locutor, ou usuário que compartilha a postagem, insere em sua enunciação a referência do enunciadador primário, logo que as marcas da origem do *post* não são perdidas, como se nota em “compartilhou a foto de Meuamigosecreto”, presente no canto superior direito da figura 2.

Não somente ocorre uma retomada enunciativa, uma inserção da pessoa primária na fala do, agora, locutor, como há a complementação argumentativa. Tem-se “E presidente mulher...” como fala própria da enunciadora complementando o texto da imagem compartilhada, caracterizando que a inserção da pessoa seja textualmente perceptível na enunciação. No entanto, apenas o ato de compartilhar sem acrescentar nenhum elemento comunicacional já poderia alterar o sentido primário, logo que a intenção, o direcionamento e as conexões de cada usuário são diferentes. Desse modo, compõem a alteração dos elementos de subjetividade pessoa, espaço e tempo, pois é a “presença do locutor em sua enunciação faz com que cada instância de discurso constitua um centro de referência interno” (BENVENISTE, 2006, p. 84).

Ainda que haja a paráfrase de “[#MeuAmigoSecreto] DIZ QUE É A FAVOR DA IGUALDADE DE GÊNERO MAS NÃO TOLERA CHEFE MULHER” (Figura 1), tem-se um enunciado acrescido de informação que, agora, é atribuído a uma identidade específica, a usuária que compartilhou a postagem. Assim, retomando os estudos de Benveniste (2006), é a partir da identificação da instância enunciativa – o “Eu” – que se organizam e reorganizam os marcadores de subjetividade pessoa, espaço e tempo.

Atenta-se ainda para a mudança da (não) pessoa “Ele” no discurso 2, logo que a somatória [A] “[#MeuAmigoSecreto] DIZ QUE É A FAVOR DA IGUALDADE DE GÊNERO MAS NÃO TOLERA CHEFE MULHER” + [B] “E presidente mulher...” altera a noção do referente genérico para um grupo mais delimitado de sujeitos, podendo ainda se referir a alguém(ns) especificamente.

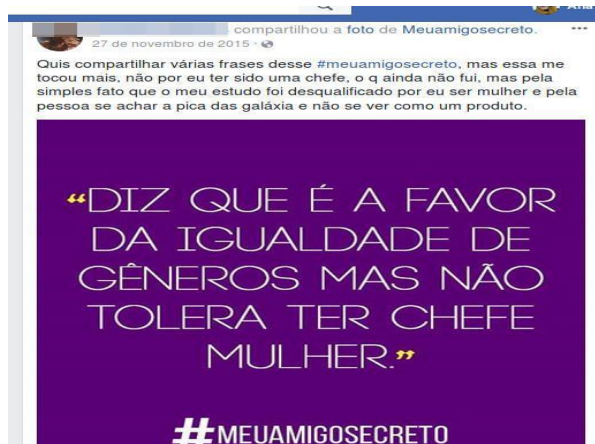
Ao compartilhar uma postagem no Facebook, o enunciador faz um deslocamento espaço-temporal, visto que a abrangência, o alcance, as conexões e o público que terão acesso àquela enunciação serão outros. Portanto, a interação entre enunciador e alocutário (conexões do Facebook), restringe as possibilidades do sujeito “Ele” baseado no indivíduo que enuncia. A terceira pessoa, Meu Amigo Secreto, verte-se para os contatos da usuária e não mais da *fanpage*, podendo ir de um sujeito genérico (todos que leem) para um particular (um homem em específico). Essa característica da web se atribui às noções de conectividade generalizada (LEMOS, 2010), que se refere às múltiplas conexões que se estabelecem na era da internet, possibilitando a interação entre pessoas-pessoas, pessoas-máquinas e/ou máquinas-máquinas. Isso, portanto, aponta as várias leituras possíveis de um mesmo produto.

Há, portanto, um aspecto intrínseco à navegação digital que faz emergir uma não linearidade, uma fragmentação rítmica de leitura a construção de conhecimento. Nesse sentido, os pontos de cada conteúdo são a entrada espiral para uma infinidade de outras conexões, em que o início e o fim das mensagens se misturam, conectam-se e se rompem (RECUERO, 2014) alterando e modificando as formas de estruturação linguística. Exemplo disso é a ordenação dos textos presentes na Figura 2.

Primeiro há o enunciado da usuária “E presidente mulher...”, somente abaixo segue o texto principal ou que dá suporte para a contextualização do enunciado

primeiro. Porém, em uma leitura linear, é preciso rearranjar os enunciados para conformá-los com a ordem esperada, calcando a quebra dos padrões de leitura.

Figura 3: Printscreen do Compartilhamento



Fonte: Perfil do Facebook

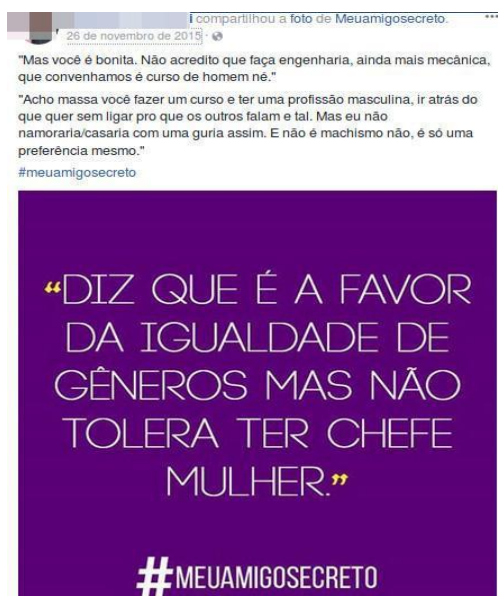
Na Figura 3 há uma mudança significativa na referenciação do sujeito “Ele”. Ainda que haja constantemente a ocultação do nome ou da pessoa referida através da sublimação pela *#MeuAmigoSecreto*, é a *hashtag* que ocupa o lugar linguístico do sujeito no enunciado. Mesmo valendo-se do acobertamento da referência, a locutora enuncia [A] “mas essa me tocou mais” [B] “o meu estudo foi desqualificado por eu ser mulher e pela pessoa se achar a pica das galáxias e não se ver como um produto”. As marcações linguísticas do sujeito “Ele” são bastante explícitas e fulguram um sujeito específico ou uma situação particular.

Tem-se, então, a explanação da locutora em [A], apontando para uma relação realmente mais aproximada com o enunciado compartilhado. Já em [B], as marcas “e a pessoa” e “não se ver” qualificam um sujeito “Ele” determinado, ainda que não identificado ou conhecido pelo interlocutor. Nesse caso, a noção de não-pessoa é transposta do sujeito genérico para o particular a partir da atualização enunciativa da usuária. Ou seja, não basta uma nova enunciação, é preciso que se realoque a fala para outro locutor e a atribua da noção identitária, ou seja, carregue-a valorativamente.

Pode-se, portanto, tomar o enunciado produzido pela usuária como a introdução ou apresentação de sua identidade ao interlocutor, visando que este pode

ser amplo, vasto, divergente, e não estabelecer a íntima relação da enunciadora com o conteúdo. Posteriormente, a noção de proximidade entre o fato e o enunciado é atribuída à pessoa “Eu” que enuncia e referencia a pessoa “Ele” de genérica para particular.

Figura 4: Printscreen do Compartilhamento



Fonte: Perfil do Facebook

A quarta figura constrói a (não) pessoa “Ele” através da citação ou retomada de frases enunciadas, ausentando-se da responsabilidade do que é dito e, por se constituir num discurso indireto, carrega-se de objetividade e uma suposta neutralidade quanto à significação. A colocação das aspas no início das falas remete à transposição de uma enunciação *sui generis*, atrelando um enunciador específico e identificável ao enunciado. No entanto, ainda que o “Ele” seja, neste caso, um sujeito particular, a constituição textual sucumbe elementos de pessoalidade e referenciação que possam evidenciá-lo.

Há ainda um aspecto quanto ao uso da flexão verbal para o plural em “Não acredito que faça engenharia, ainda mais mecânica, que convenhamos é curso de homem” (Figura 4). Concebendo que o enunciado inicia com a pessoa “Eu” se constituindo no discurso, tem-se “[EU] não acredito que faça engenharia...”, o locutor aplica a flexão para a primeira pessoa do plural, fazendo com que o locutor e o

alocutário sejam inclusos na sentença (FIORIN, 1994), conferindo obrigatoriedade linguística da interlocutora em acatar a afirmação “mas [NÓS] convenhamos que é curso de homem”. Ainda que gramaticalmente correta, a passagem da primeira pessoa do singular para o plural engloba os interlocutores pelo pronome, ação definida por Fiorin (Ibidem, p. 100) como Plural Majestático, visando diluir ou amplificar a enunciação/ação à pessoa “Eu”.

Há, portanto, a necessidade de distinguir e delimitar as imputações que as marcações de subjetividade, advindas dos locutores, conferem aos enunciados. A partir da análise das diferentes construções enunciativas das figuras 1, 2, 3 e 4 é possível averiguar a fluidez da marcação de pessoa, em que pode haver ocultação, generalização ou individualização do sujeito referido. Dessa forma, a referência à não-pessoa é uma construção flutuante, estendível, volúvel. A utilização do pronome “Ele”, a alternância para a *hashtag* #MeuAmigoSecreto ou a supressão de qualquer marcador linguístico de referência, como na figura 2 “e a presidente...”, incidem na construção imagética da terceira pessoa, podendo resultar em referentes distintos em uma mesma interação, atribuindo subjetividade ao referente “Ele”.

No que tange ao ambiente web, incluindo-se as redes sociais digitais como o Facebook, as mensagens que são coletivas ou marcadamente genéricas podem ser atualizadas, *a priori*, por todos os usuários no ato de interacionismo ou leitura da postagem, já que não confere identificação do locutor. Ou seja, ao escrever, o enunciador se refere a um sujeito, ao ler, o alocutário traz a imagem mental do mesmo ou, mais provavelmente, de outro referente podendo ainda ser um sujeito específico, genérico, coletivo ou inexistente.

Considerações finais

As trocas interacionais e o estabelecimento de formas de comunicação são processos complexos, fluídos e atravessados. A língua, como sistema, fornece aos sujeitos um aparato rico para se referir ao mundo, ao mesmo tempo em que se constrói, se delinea, se comunica. Para isso, vale-se de modalidades consideravelmente estáveis, reconhecidas ou compartilháveis entre os falantes. Mas,

ainda que ampla, ela carece de subsídios voláteis, modificáveis, pois a significação se faz, essencialmente, na apropriação da língua, na enunciação, sempre atualizada em centralidade ao locutor.

O ambiente web não deve ser pensado como uma insurgência desconhecida e estranha, mas sim como uma realocação dos modos e hábitos comunicacionais. Não há, efetivamente, uma quebra dos processos de interação, mas sim uma reconfiguração das dinâmicas, como apontado por Lemos (2010), em que textos, falas, sentidos e identidades se constroem, se modificam e se adaptam ao meio digital, descentralizando a emissão/produção de conteúdos e, ao mesmo tempo, provocando um movimento de hiperconexão entre pessoas e máquinas.

No que concerne à *hashtag* #MeuAmigoSecreto, analisada neste artigo, percebe-se a organização referencial ligada às pessoas participantes da interação. Mais do que apenas ao locutor, a significação se dá no processo enunciativo e se constitui na alocação, no recebimento da informação, logo que para haver interpretação e significação, há a aplicação de subjetividade ao discurso. Esta, conforme Benveniste (2005), opera como a capacidade de quem enuncia constituir-se como sujeito, exigindo e pressupondo o outro. A constituição do sujeito é, por fim, a formalização da existência humana, logo que “sujeito é linguagem, e a intersubjetividade é a sua condição” (FLORES, 2004, p. 221).

A *hashtag*, portanto, comporta sempre um referente “Ele” não identificado, que é a terceira pessoa, ausente do diálogo e constituída como não-pessoa. Sua determinação se dá pelo entrelaçamento da subjetividade do “Eu” e a memória sígnica, vivencial ou contexto que quem enuncia está inserido, já que “Eu” é um signo vazio, apropriado pelo sujeito que interage e toma para si a palavra. Tanto o “Eu” que pronuncia quanto o “Eu” que recebe o enunciado valoram e referenciam o “Ele”, de um mesmo enunciado, em instâncias diferentes, atribuindo uma identidade, uma coletividade ou uma genericidade, contemplando uma fragilidade quanto à designação de um referente fora da interação.

Referências

- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral**. 5 ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral 2**. 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.
- FIORIN, José Luiz. A pessoa subvertida. **Língua e Literatura**, n. 21, p. 77-107, 1994/1995.
- FIORIN, José Luiz. Práxis enunciativa. In: Pernambuco, Jucelino; Figueiredo, Maria Flávia; Salviato-Silva, Ana Cristina (Orgs.). **Nas trilhas do texto**. São Paulo: Universidade de Franca. (Col. Mestrado em Linguística, 5), p. 53-74, 2010.
- FIORIN, José Luiz. Uma teoria da enunciação: Benveniste e Greimas. **Gragoatá**, Niterói, v. 22, n. 44, p. 970-985, set.- dez. 2017
- FLORES, Valdir do Nascimento. **Introdução à linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2005.
- FLORES, Valdir do Nascimento. “Por que gosto de Benveniste? Um ensaio sobre a singularidade do homem na língua”. **Letras de Hoje**. Porto Alegre: EDIPUCRS. N. 138. v. 39, p. 217-230, dez. 2004.
- FLORES, Valdir do Nascimento; SILVA, Silvana.; LICHTENBERG, Sônia; WEIGERT, Thaís. **Enunciação e gramática**. São Paulo: Contexto, 2008.
- FONTANILLE, Jacques.; ZILBERBERG, Claude. **Tensão e significação**. Trad. Ivã Carlos Lopes; Luiz Tatit e Waldir. São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.
- LEMOIS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 5 ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- RECUERO, Raquel. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. In: **Verso e Reverso**, XXVIII (68):114-124, mai.-ago. 2014.

ⁱ Jornalista, Mestra em Estudos de Linguagens (PPGEL-UTFPR) e doutoranda em Tecnologia e Sociedade (PPGTE-UTFPR). Curitiba – Brasil.

E-mail: ana.luiza.corderio@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1039401229577356>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8748-3265>